

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 11 DE FEVEREIRO DE 1877.

NUMERO 18

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

A CARIDADE

A

Sua Magestade a Rainha

A

Senhora D. Maria Pia

I

A Coroa de mais subido preço que pode cingir a fronte dos reis, é, sem duvida, aquella que é feita pelas benções de um povo agradecido.

No egregio solio dos mornarchas lusitanos não poucas vezes se ha visto sentar princessas, nas quaes se destaca mais brilhante o diadema de excelsas virtudes, do que aquelle que o direito ou a eleição lhes cingira as fronteas.

Se a coroa pertence a el-rei, é certo que a esposa do monarcha pode influir poderosamente no seu animo, educar seus filhos debaixo das mais austeras virtudes, e amparar sob o seu regio manto a muitas familias a quem a desgraça, em longos dias de tristeza, está fazendo verter lagrimas de sangue.

Memoremos apenas os nomes de D. Philippa de Lencastre, de D. Isabel e D. Leonor, que souberam honrar, por suas altas virtudes, o throno portuguez.

A primeira como nobilissima educadora de seus filhos, desses egregios principes, a quem a Europa inteira tributara e tributa ainda hoje á sua memoria grandissimo respeito.

E quem deixará de venerar os nomes do rei D. Duarte, e dos infantes D. Henrique, D. Pedro, e D. Fernando?

A segunda foi o anjo da paz entre os seus e o povo, foi caridosa por excelencia, merecendo ser aureolada com os resplendores celestes.

A terceira, que descança em sepultura raza no claustro do seu mosteiro, foi a instituidora da veneranda irmandade da Misericordia, que ainda hoje é a instituição mais benefica brotada á sombra do christianismo.

E por ultimo memoremos tambem o nome de uma rainha, ainda de nossos dias, a senhora D. Maria 2.^a, a que ninguem poderá exceder como mãe de seus illustres filhos.

Com exemplos tão nobres na casa real portugueza, a actual rainha de Portugal, não podia deixar de honrar a purpura nos dias de provação, porque o paiz acaba de passar.

II

Haviam terminado os formosos dias do estio, e o outomno apresentava-se-nos carregado e triste.

O céu azul de Portugal começava a toldar-se de nuvens escuras e pesadas, impellidas pelo vento que soprava do quadrante do sul.

Batia-nos á porta o enregelado inverno, e aquellas nuvens que os ares escureciam, eram prenuncio de tristissimos dias.

Cahiram as primeiras aguas, vieram depois outras, o vento soprava com violencia; e se amainava por momentos, era para voltar com mais furia!

Cahiam as arvores annozas, abria-se a terra em fendas, desmoronavam-se as habitações, e os povoados inundavam-se extraordinariamente!

De pé, sobre os restos de suas moradas, ou agarrados aos troncos que resistiram aos abalos, innumeras familias clamavam por Deus, e por seus irmãos na terra, para que os salvassem d'aquelle parcial diluvio!

A miseria, a fome, e até a morte a acenar-lhes com suas roxas agonias!

Era um quadro medonho, e afflictivo aquelle que se offerecia a nossos olhos!

Mas no meio de tantas desgraças, no meio de tão dolorosa situação, surge um iris mensageiro de boa nova, como em céo tenebroso surge de repente esperançosa estrella.

Oh! santa caridade, ó sublime filha do christianismo, tu és a flor mais bella, mais esplendida, mais fragrante de quantas brotaram aos pés da Cruz do Salvador.

Foste tu, e só tu que impelliste o coração da nobre filha de Victor Manoel, da virtuosa esposa de D. Luiz I, fazendo-lhe lembrar que ella não era só mãe de seus filhos, mas que o devia ser tambem do povo.

E eil-a esmolando para os inundados, incitando a todos a imital-a: e o povo portuguez de seu natural caridoso, nobre por suas acções, acode ao seu appello, e com elle a colonia portugueza no Rio de Janeiro, sempre de braços abertos para os seus compatriotas.

E a realesa alliada ao povo pratica a mais sublime das virtudes christãs.

E a rainha passava com o sorriso nos labios, e o povo abria-lhe respeitosamente alas, e cobria-a de benções.

Senhora. Os reis só bem-merecem do povo sobre o qual teem a ventura de reinar, quando de boa vontade sabem perdoar, e alliviar quanto lhes seja possivel os seus soffrimentos.

Cada real que deixasteis cahir no regaço da miseria, são outras tantas benções do povo portuguez, e as lagrimas que enxugasteis se transformarão em sublimes perolas aos olhos de Deus.

Braga.

J. E. SOARES ROMEO JUNIOR.

ANNIVERSARIO DE GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, AUCTOR DA ULLYSEA

Acta da Sessão Litteraria de 7 de Fevereiro de 1877, em casa do decano dos jornalistas bracarenses José Maria Dias da Costa, com intuito de se procurar descobrir a casa natalicia de Gabriel Pereira de Castro, ornamento litterario da cidade de Braga, nascido em 7 de Fevereiro de 1571.

Os abaixo assignados, collaboradores do semanario litterario bracarense a *Borboleta*, e jornalistas e correspondentes mais antigos e mais modernos de jornaes de fóra de Braga, reuniram-se no dia d'hoje, 7 de Fevereiro de 1877, na casa do decano dos jornalistas bracarenses José Maria Dias da Costa, com o fim d'instituir uma commissão litteraria, que procure descobrir a casa natalicia de Gabriel Pereira de Castro, nascido n'esta nossa cidade de Braga em 7 de Fevereiro de 1571.

Motivou a esta reunião o convite, que para isso fizera ao director da *Borboleta* Domingos Maria Dias Pereira de Freitas, em carta que se transcreve, o collaborador assiduo do mesmo semanario José Joaquim da Silva Pereira-Caldas, professor de mathematicas elementares e lingua alleman em o nosso lyceu nacional.

Eis-aqui a carta alludida:

Meu Dias Freitas—No proximo dia 7 de Fevereiro d'este anno de 1877, completam-se 306 annos, que nascêra aqui em Braga o nosso Gabriel Pereira de Castro, um dos maiores ornamentos litterarios d'esta capital do Minho.

E' d'elle, que o nosso Padre Manuel de Galhegos assim decanta a memoria, na sua canção em louvor da *Ulysses*:

«Vós, ó Pereira, quando,
«Cançado na juridica palestra,
«O'cio doce buscaes, repouso brando,
«E da penna aliviaes a insigne dextra;
«Os bosques d'Aganippe
«Suspendeis sonorosó
«Com branda voz, com plectro numeroso.

Para o tumulo litterario d'este bracarense eximio, erigiu-lhe uma inscripção metrica o nosso Antonio Figueira Durão, na sua curiosissima *Laurus Parnassia*;

«Hoc antro æternum jacebit
 «Parnassi non leve Numen,
 «Poesis insigne lumen,
 «Cui nunquam livor nocebit.
 «Fama ejus nomen docebit,
 «Si aliquis fortè ignorabit:
 «Pereiram patria vocabit,
 «Phæbus Phæbum Poetarum,
 «Thalia gloriam Musarum:
 «Sed mors omnia dissipavit.

Pois bem, meu Dias Freitas: façamos nós levantar uma inscripção metrica tambem ao nosso Gabriel Pereira de Castro, mas em memoria do dia do seu nascimento, e collocada na casa onde elle viera á luz.

Procuremola com insistencia, e daremos com ella.—Nem a tudo hade ter dissipado a morte, como affirma nos seus carmes o nosso Figueira Durão.

Não deixemos no esquecimento o berço natalicio do filho egregio de Francisco de Caldas Pereira e Castro, um dos maiores ornamentos da villa de Monção, e que n'escidade de Braga casára com D. Anna da Rocha d'Araujo, filha do Dr. Antonio Francisco d'Alcáçova, procurador da coroa.

Não ha difficuldades, para quem quer e póde.—*Omnia vincit labor.*

Mettamos mãos á obra, e não descanceemos n'este affan.—Sirvamos para alguma cousa, em honra d'esta nossa patria adoptiva d'ambos.

Sua Casa, rua das Aguas, 2 de Fevereiro de 1877.

Mestre e Amigo, Patricio e confrade
 FERREIRA-CALDAS.

Em virtude d'este convite glorioso para esta cidade de Braga, berço natalicio d'uns dos abaixo-assignados, e patria adoptiva d'outros, acordou-se em instituir uma commissão litteraria para os indicados effeitos, pela fórma e maneira seguinte:

Presidente—José Joaquim da Silva Pereira Caldas—Vice-presidente, Fernando Joaquim Pereira Castiço—1.º secretario, Domingos Maria Dias Pereira de Freitas—2.º secretario, Antonio Maria da Fonseca—vogaes, Alfredo Campos—Antonio José da Cunha Vianna—João Luiz Correia Junior—José Maria Dias da Costa—Antonio José de Magalhães Junior—Dr. João Ignacio do Patrocinio da Costa,

Acordou-se outro-sim, que se lavrassem duas Actas identicas d'esta sessão litteraria, enviando-se uma d'ellas á ca-

mara municipal d'esta cidade de Braga, para ficar depositada no seu archivo, e outra ao iniciador d'esta nobre e gloriosa lembrança: dando-se com isto por concluida esta nossa reunião, a que presidira o decano dos jornalistas bracarenses José Maria Dias da Costa.

Braga, 7 de Fevereiro de 1877.

O 1.º secretario

Dias Freitas

À EX.^{ma} Sur.^a D. M. G. N. DE AZEVEDO

Rosa do valle, vegetando á margem
 de verde lago no setim da relva;
 fada gentil a divagar na selva,
 pranto que a aurora sobre o Vez deixou:
 Cecem estranha nas campinas d'Eva,
 —guarda teu calix eternaes mysterios,—
 pomba perdida dos jardins etherios,
 strella cadente que do céu rolou.

Singela virgem que as virtudes c'roam
 bonina candida que os lyrios amam,
 celica imagem que travessos chamam
 os astros fulgidos n'um veo d'anil.

Musa dos prados inclinando á tarde
 em fresca alfombra—um ideal de Rubens—
 ch'rubim d'amor esvoaçando em nuvens
 d'effluvios d'oiro por um sol d'Abril.

Ouve-se o zephyro oscular as flores;
 douradas vagas no Oceano morrem;
 fogos brilhantes o horisonte correm;
 altos prodigios nos espaços vão.

Tu envolvendo-os n'esse olhar divino,
 vens ensinal-os com sorrir d'archanjo;
 que em Val-de-Vez está a passar um anjo,
 os teus encantos testemunho dão.

Um dia vi-te espedaçando alegre
 bagas da noite em matinal passagem;
 rubidas vestes á mercê da aragem
 —linda visão d'angelical pudor!—

Fitando a patria que p'ra ti sorriam
 no seio a pyra d'oração fervente,
 cingida a fronte pela luz do crente,
 soltavas cantos de celeste ardor.

Hoje, palmeira das eternas plagas,
 que fructos vestes d'amorosa esp'rança,
 cerrada aos gosos onde a vida cança
 e aberta aos raios de luzente fé;
 venho pedir-te me perfumes a alma
 da unção divina que da tua emana.
 qual puro incenso do thurib'lo em chamma
 erguer-se em ondas no altar se vê.

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ

MODAS

Meu caro.

Apesar de nunca ter feito um verso, parece-me actualmente, que me seria mais fácil enviar-lhe uma poesia minha, do que poder satisfazer bem a uma descripção rigosa de modas! Tal é o capricho e a variedade nas *toilettes*! Um mar, meu amigo, mas vasto e profundo! Um abysmo, e incommensuravel!

Comtudo ahi vae o que sei, tão resumido quanto é possível.

Como fazendas da estação continuam ainda a ser usadas a *cachemira*, a *armure*, a *popeline*, e a *faye*, mas esta para vestidos mais leves. O veludo que é o monarcha dos tecidos, emprega-se em *tunicas* e *paleots*, adornado com pelles ou serigaria vistosa e boa.

Em casacas ha modêlos variadissimos, que não especialisarei; por quanto no adiantado da estação as leitoras da *Borboleta* já de certo estão prevenidas.

Em chapéus ha tambem variados gostos, entre os quaes teem primazia, o *phantasia*, de feltro *crème*, o *toque*, de feltro preto, o *parisiense*, de feltro verde azeitona, o *capote*, de veludo negro, e o *cardeal*, de feltro azul.

A fórma em todos elles é mais ou menos parecida e semelhante: a grande differença está nos ornamentos.

Para passeio uza-se o vestido de *cachemira* de meia cauda, tendo a saia, em baixo, um folho franzido enfeitado por um *biais* de *faye* e galão de seda. A cor do vestido de *faye* é a de peito de rôla; e em *cachemira* uza-se ainda a côr de café.

O vestido *d'egreja* é de *faye* preta, com saia de longa cauda, orlada de dois folhos sobrepostos, em pequenas pregas e recortes, sendo o superior enfeitado por uma *ruche*.

Para o theatro está em voga a *mousseline* branca, de grande cauda com quatro folhos franzidos, tendo o ultimo um bonito entremeio, ou singello galão de seda bordada.

As *tunicas* para todos estes vestidos são d'uma variedade perfeita; e algumas tão exquisitesas que só um bom figurino as deixará apreciar bem.

Para creanças maiores e menores, ha tambem infinitos modelos: mas o melhor, permitta-me v., é aconselhar as mães de familias a vestirem os seus filhinhos como

melhor lhes parecer, porque emfim, nas creanças a melhor moda é a simplicidade.

Aqui tem o que posso dizer-lhe, e que é pouco e mal aproveitado.

As leitoras da *Borboleta* não deixarão, por certo, de serem assignantes d'algum jornal de modas, e esse fará mais e melhor do que eu, porque fará tudo.

Continuo a subscrever-me

De v. etc.

Lisboa.

BEATRIZ MOREAU.

UNS OLHOS

Quem póde faltar em olhos
Quando os teus tem na memoria?...
Mas do que serve essa gloria,
Se os cercam duros escólhos! ?...

E's como a estrella da tarde,
Que brilha nos horizontes,
Sobranceira aos altos montes,
Quando o Syrio em turias arde,

E's como o lyrio de neve
Vecejando entre os espinhos,
Onde faltam os caminhos
P'ra transpor cerrada seve.

E's astro enlevo da vista,
Que me escalda o coração...
E não sei que haja isempção,
Que potente lhe resista.

Ai como o sol é brilhante;
Como é bella a sua luz!
Ai como ella me seduz...
Mas brilha lá tão distante!..,

Vianna—Janeiro de 1877.

B. WERNÉCK

DOLORES

(Conclusão)

XXV

A's dez horas e meia sahi de casa. Estava uma noite fria e humida. O sul gemia nos troncos despídos das arvores. Por vezes o relampago fendia as nuvens. Ouviam-se na praia do oceano os gritos agudos, e quasi selvagens dos pescadores, que, receiando o temporal, tratavam de pôr os frageis baiteis em abrigo seguro.

As ruas da villa estavam completamente desertas.

Dirigi-me para casa de D. Garcia. Caminhava devagar e machinalmente. O estado em que eu ia, é indescritivel. Aquellas supremas angustias, podem soffrer-se, não explicar-se.

Chegado á porta do jardim, tornou-me a faltar completamente a coragem; mas repeti comigo mesmo...—é preciso!

Dolores estava sentada debaixo das magnolias, n'um banco de pedra. Avistou-me. Correu para mim, e pegou-me nas mãos gelladas, e olhou-me fixamente, soltando um grito.

—Como estás pallido!... e depois de breve pausa, com voz dilacerada pela extrema agonia:

Oh! Não me digas nada! Vens annunciar-me grande desgraça!

Não respondi. Nem sequer podia chorar! Com as mãos entrelaçadas encaminhamo-nos para o banco de pedra. Dolores sentou-se. Eu ajoelhei defronte d'ella, e ainda com as mãos entrelaçadas, disse:

—Dolores... meu amor... acreditas em mim?

Ella respondeu-me com firmeza.

—Creio!

Acreditas que este sentimento nasceu em mim espontaneo, contra minha vontade, e que se desenvolveu apesar dos esforços que eu empreguei para o dominar?

—Oh! meu Deus! Porque me dizes essas palavras! Creio sim, creio em ti.

—Pois bem, disse eu levantando-me coavulso. Este nosso amor é impossivel... é um crime!

—Impossivel!...

—Impossivel! Eu sou...

Não me deixou acabar. Levantou-se e tapou-me a bocca com uma de suas mãos: depois, hirta, branca como uma assucena, soltou um grito dilacerante e cahiu para traz.

—Matei-te! exclamei louco de dôr, e cheguei-a ao peito em frenetico amplexo. Matei-te!—Fitei-a um momento com amor, e collocando-a muito devagarinho sobre o banco, ajoelhei defronte d'ella em muda e profunda adoração. Adeus! Até breve. E' este o ultimo momento, em que estamos juntos sobre a terra: e beijava-lhe com ardor as mãos frias...

Chorava.

As minhas lagrimas, ou os meus beijos, fizeram-n'a tornar a si. Fitou-me com olhar desvairado. Passou a mão pela testa, como

para coordenar as ideias que lhe fugiam. Agarrou-me convulsivamente pela frente, e teve-me muito tempo abraçado.

Depois disse-me:

Hoje é o dia do nosso noivado, e tu choras? Não ouves o sino da egreja, que nos chama á cerimonia sagrada? Não vês a minha corôa de noiva como é linda? o meu vestido branco como alveja na escuridão? Tu choras, louco, no dia mais feliz da tua vida? Ou não amarás tu a tua esposa? Amas, sim, eu bem o sci. E' hoje o dia do nosso noivado.

—Oh! tu enlouqueces, meu amor, murmurei eu soluçando. E' impossivel!...

—Impossivel! disse ella levantando-se com impeto. E's um covarde! Quem te disse que era impossivel? Foi o teu animo mesquinho e pequeno. Não sabes amar! Não sabes o que essa paixão ardente, que não conhece obstaculos, que os vence todos pela energia immensa do seu querer! Tu não me conheces. Se me conhecesses, não me virias agora dizer essas palavras insignificantes e más! Impossivel! Dizer-se isto a mim, a Dolores!...

Pronunciava aquellas palavras com nobilissimo sobrececho. Eu tremia que ella enlouquecesse.

—Dolores! Tu deliras!

—Não deliro! Tu vens dizer-me que não podes ser meu esposo, n'este mundo. E' a morte que me trazes, não é? Eu acceito-a. Vem da tua mão. E' um dom precioso para mim. Porém, apesar da morte, apesar de ti, apesar de tudo, eu serei a tua esposa. Vem...

E arrastou-me com incrível força na direcção de casa.....

XXVI

No dia seguinte, pela manhã, estava eu na hospedaria n'um estado de excitação terrivel. Pertencia ao ceu, ou a este mundo de dores e soffrimentos? Encostára-me ás costas d'uma cadeira, e parecia-me que estava sonhando.

Acordou-me de sobresalto um grande motim, que se fazia á porta do meu quarto. Fui abril-a. Era Pepe, desgrenhado, espavorido. Entrou sem poder fallar, e precipitou-se n'uma cadeira.

Agarrei-lhe n'um braço e sacudio-o energeticamente, perguntando-lhe:

—Que tens?

Assaltára-me um pensamento terrivel.

—A menina... principiou elle...

—Que tens? Dize depressa...

—A menina... matou-se!

Saltei d'um pulo as escadas da hospedaria, e voei a casa de D. Garcia. As portas estavam todas abertas. Subi ao quarto de Dolores. Ella jazia no seu leito, branca, como um lyrio. Tinha a mão direita fechada sobre o peito, e n'essa mão... as minhas cartas.

De joelhos, e cobrindo de beijos a mão pendente, estava um ancião... era D. Garcia.

Levantou-se, quando me viu e dirigindo-se-me:

—Vem tarde! Matou-se!

Eu pude sobreviver. Pude, para ir todos os annos, na data fatal da morte de Dolores, chorar e orar sobre a cruz, que indicava o logar onde ella repousava. Por alguns annos ajoelhava... e orava ao pé de mim um pobre velho. Depois tambem elle deixou de vir. Havia mais uma cruz no cemiterio, e lá em cima mais uma alma, por quem eu devia orar.

ALMEIDA PINHEIRO.

Praia da Granja,—novembro de 1876.

FIM.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto segundo

IV

O manto desdobrou, d'Hellé nas ondas
A noite, e não se mostra no monte Ida
A lua que deu luz em outras epochas
Aos heroes decantados por Homero.
Nenhum guerreiro agora o albor lh'admira,
Mas ainda a bemdizem os pastores,
Que ella illumina com clarão benefico;
Vão mondamdo os rebanhos as hervagens
Sobre a campã d'aquelle que tombára,
De Paris, pela flêcha atravessado;
Aquelle colossal montão de terra
Que altivamente visitado fôra
Pelo filho de Jupiter; aquelle
Padrão pelas nações constituído,
Coroado por tantos soberanos,
Resume-se, ao presente n'um monticulo
Isolado, sem nome, solitario!
—Dentro—Achilles, que estreito é teu sepulchro
—Fora—estranhos somente dizer podem
O nome do que estava lá metido.
Mais que a pedra das campas o pó dura
Mas o pó de teus restos dispersou-se!

V

A lua, nesta noute, só mais tarde
Virá gosar o culto dos pastores
E dissipar o panico aos maritimos;
E até que ella se mostre deslúmbiante
Nem um unico pharol na costa accezo
O curso guiará do errante barco.
Os lumes que dispersos oseillavam
Pelas margens ao longo da bahia
Uns apoz outros foram-se estinguindo;
Só logra a vista a tenue claridade
Da lampada na torre de Zuleika.

O FOLHETIM

O folhetim não é um livro de Physica, um commentario de Direito, nem um tratado de Moral. O folhetinista não aspira, de certo, a deliciar com seus escriptos algum D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, algum dos nossos antigos magistrados—de grandes oculos e polvilhada cabelleira—nem algum Newton meditabundo, metempsyco-seado, por seus peccados, na figura de leitor de folhetim.

O escriptor, antes de pensar para os outros, deve pensar para si, formando previamente, na sua imaginação, um quadro, em que veja desenhadas fielmente as sempre estimaveis pessoas de seus leitores.

Ora o leitor de folhetim deve de ser um elegante mancebo de 15 a 30 annos, cabello frizado, olhos perspicazes em contradicção com a luneta, e bigode bem fendido, revirado nas pontas com o auxilio de *cire-à-moustache*; veste fraque cinzento e calças á *cheveux-de-la-Reine*; usa botinhas de verniz; e tem muitos *callos*: é dotado de intelligencia bastante; possui cabedal de conhecimentos superficiaes, colhidos em romances; e sente no peito os estos do mais poetico sentimentalismo, cujo respiradouro são os raros colloquios e frequentes epistolas a uma joven, que é do theor e fôrma seguinte:

Esbelta, donairoza e louçã, como um cysne em lago puro: são louros os seus cabellos, castanhos os sobrecilios, e azues os seus olhos; o rosto é quasi oval, o nariz delicado, a cútis fina, os labios abotoados em perpetuo osculo, e suas faces mimosissimas fazem lembrar duas resas entre um festão de brancos lyrios: o seio...

«Imagine-o amor co'o olho atrevido»

«Do perspicaz desejo».

Traja com singeleza, porém á moda; e por isso deixa que se lhe divise a *planta*...

breve, como é indispensavel: tem a razão esclarecida razoavelmente; e aspira a ser contada entre as litteratas, pois que

«Já travou relações co'os raios pallidos
«Da estrella matinal no lago limpido,
«Co'as auras ciciantes, e co'a aragem;
«E falla de paixões intimas d'alma,
«De crenças desbotadas, e de flores
«Fanadas ao soprar da leda infancia».

E' esta a fema do leitor, leitor-femea, ou leitora... A leitora!... E' ella exactamente!!

Mas como assim?... Preciso photographar o leitor; preparo a *machina*, ponho-lh'a defronte, e... zaz: retiro a lamina, e a final encontro, no logar de um, dois retratos!

Contando o caso ao vigario cá da freguezia, homem finório e de muita experiencia, disse-me que se não admirava; porque leitor e leitora são cousas (ontologicamente fallando), que tendem sempre a reunir-se, por virtude de certa força indefinivel, que não é, a seu ver, senão o magnetismo ou alguma outra semelhante.

Tem pois o folhetinista prévio conhecimento pleno dos seus leitores; e sabe, por uma simples inducção, que elles, sem distincção de *genero* (excluido o neutro) são uma *especie* de sylphides, em peregrinação na terra; e por isso não podem conformar-se com o massivo e palpavel dos phenomenos, e acontecimentos naturaes cá d'este mundo.

O escriptor, para agradar-lhes, deverá sempre mostrar-se mais correcto, que a propria natureza. A mentira n'este caso, quando revestida de mil «formosos nadas», cravejada de esmeraldas e lantejoulas, exhalando suavissimos perfumes, creando habitações voluptuosas de fadas, é muito, é quasi tudo, para arrebatar em magicos envêos aquelles espiritos, insoffridos da realidade e positivismo da vida.

O folhetim, portanto, é Alfredo de Musset, é Ponson du Terrail, é qualquer das duas *hermaphrodites* George Sand e Daniel Stern, é Paul de Kock... e outros quejandos, franceses ou afrancesados, que sabem amar, invocar, adorar, sem estrella prefixa que os alumie, ou antes alumiados por todas:—phantasias enamoradas, que se inspiram de todos os soes, que gostam de todas as flores, como a *borboleta*, sem, como esta, se prenderem exclusivamente a nenhuma d'ellas; voejando de continuo, e erguendo-se, por vezes, destemidos, a invisiveis mundos, onde em so-

lio refulgente impera o genio tutelar.. da imaginação.

A proposito de — imaginação — imagino que o leitor imagina estar eu imaginando o modo de lhe agradar; e offendido por isso nos seus brios litterarios, dirige-me, lá com os seus botões, a seguinte pergunta: — Quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabeção?... —

Tem razão, muitissima razão, mas falta-lhe a... paciencia; falta-lhe, porque eu lh'a roubei; e roubei-lh'a, para o intrigar.

Pois não vê que estamos no Entrudo?! .. Abrunheira.

JOSÉ D'ORNELLAS.

SOMBRAS NA LUZ

(A Manoel Sardenha)

A princesa gentil de tranças côr d'amora
Dormindo jaz no leito, entre lençoes de neye
A alampada esmaiada e tenue nem se atreve
A illuminar-lhe a face ingenua, que descóra.

E' já noite calada. A doce e casta aurora
Não tarda a vir beijar-lhe as cômas ao de leve...
O sol que vae nascer esplendoroso, em breve
Talvez lhe acaricie a fronte encantadora.

E no entanto, ó princesa! ó casta solitaria!
Em quanto vais dormindo, o desherdado e o párea
Convulsos e fatais, cheios de luz sideria,

Tendo no rosto a côr dos negros desalentos,
Grandes como o Terror, cavados pelos ventos,
Cantam á luz da lua os psalms da Miseria.

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.

EPISODIOS

(A DIAS FREITAS)

I

(Continuação do n.º 17)

—Lá vae prelecção philosophica. Diz-nos a psychologia, que a nossa alma conta entre as suas faculdades uma a que chamam—razão.

Diz-nos que esta senhora é como que o leme da barca onde viajam todas as outras irmãs ou primas; e que se o leme estiver de tineta e quizer brincar, manda toda a carregação para as entranhas do abysmo.

Pois Quem se prende por mulheres, dá á senhora razão toda a liberdade para ella andar para diante, para traz,* ou para os lados, e sempre em direcção a Rilhafoles. Ora como eu tenho juizo...

—Estás divino. Emquanto, porém, a

mania te dá para disparates só com préjuizo dos teus pulmões, e... leves beliscaduras da minha paciência, não ha grande mal.

— Olha, menino. Eu não confio no amor, não acredito n'elle...

— Scepticismo atoleimado.

— O que tu quizeres; mas deixa-me continuar. Acho doidice enorme estar qualquer individuo a fazer violencia á sua liberdade, só a troco de meia dusia de suspirinhos de mulher....

Foge do amor, Julio; o amor é uma semsaboria, e um prícipicio.

Julio sorriu-se intencionalmente.

— Eu conheço o teu coração — disse — que é bom e generoso. E' porisso que pondo de lado as tuas theorias, quer verdadeiras, quer não, te digo: O amor puro e sancto que eu voto áquella joven... Mas tu não me attendes?

Carlos começou a assobiar distraidamente. Depois collocando a mão sobre o hombro do seu amigo, disse-lhe sorrindo:

— Pois continua com o teu amor, creança. Se o despenhadeiro de que te abeias te fascina, prícipita-te, emquanto dura a vertigem, se já d'ella te não podes livrar. Agora vamos recolher a quarteis, que a brisa humida e cortante da noite não faz bem aos amantes... de fogo.

— Ora Deus queira, meu philosopho octogenario, que d'hoje a um mez não sejas um Carlos de romance... da epoca.

Eu tambem fui quasi tão indifferente como tu es.

— Não creio em prophcias de ruim agoiro.

E os dois amigos seguiram pela estrada, em direcção á rua da Ponte.

Braga

MAGALHÃES JUNIOR.

A II

(No dia do teu anniversario)

La surge a aurora. Do orvalho
as camarinhas scintillam
pelas folhas, onde trillam
as aves canções d'amor.
O sol ergue-se dos montes
onde campeava a treva,
e os raios da vida leva
da campina á marcha flor.

Ser-me-ha doce confidente
a preciosa margarita,
—minha prenda favorita
que me doaste com ais!

Hoje mais e mais a amo...
E rebeijo a mão que a dera, —
hoje... que Deus concedêra
a Valencia um anno mais.

A. AGUSTO.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Joaquim d'Araujo, moço de peregrino talento e um mais notaveis escriptores da geração moderna, offereceu-nos alguns n.^{os} da sua *Harpa* —collecção formosissima de trabalhos litterarios dos nossos mais distinctos prosadores e poetas.

Sabemos apreciar a finesa do nosso esclarecido confrade, a quem apertamos a mão com desvanescimento.

Frisa aqui dar aos leitores uma boa nova.

Brevemente sairão do prelo os *Contos phantasticos*, devidos á penna brilhante do nosso mallogrado condiscipulo e saudoso amigo J. Manoel Fernandes, talento privilegiado que a morte nos roubou na manhã da vida.

Este livro é editado, e precedido da biographia do auctor, por Joaquim d'Araujo.

— Temos a agradecer ao infatigavel editor do Porto, E. Chardon, o offerecimento d'um volume contendo o IV e V contos das *Noites Amenas*, de Henrique Perez Escrich.

Exarando o nome do auctor destes contos, cremos ter feito recommendação da obra.

No respeitante á traducção, trabalho do snr. Julio Gama, diremos que está correcta e fidelissima. E' caso raro. Ja não estamos acostumados a ver traducções em termos. E' certo que os traductores pululam por hi aos milhares, como sapinhos em maio. Mas que milhares de milhares de absurdidades bravas!...

Os traductores não devem pagar decima! —concluimos parafraseando o inimital Julio Machado.

—Recebemos tambem, e muito agradecemos:

A Evolução, Revista quinzenal de litteratura, de critica e de vulgarisação scientifica—Redactor Alexandre da Conceição.

—*Os Invisiveis de Pariz* (Ultimos fasc. publicades)—Edicção da « Bibliotheca dos bons livros. »

—*Jornal das Damas*—Editor J. J. Bordado—Redactor, Barbosa Nogueira. (N.º 121.)

—*O Seculo*—Publicação de philosophia popular e de conhecimentos uteis—Redactores os Drs. F. A. Correa Barata e A. Zeferino Candido. (N.º 4)